

AMAMENTAR: SEMPRE BENEFÍCIOS, NEM SEMPRE PRAZER

Danielle Moreira Marques*
Adriana Lemos Pereira**

RESUMO

Os benefícios do aleitamento materno são bastante difundidos no meio científico e o desmame precoce continua a ser uma preocupação para a saúde pública, porém são pouco abordados aspectos das dificuldades no processo de amamentar e/ou o desejo de fazê-lo. O presente trabalho objetivou descrever os significados que as mulheres atribuem ao aleitamento materno e analisar suas repercussões na vida delas. Para tanto realizou-se, em julho de 2009, em um centro municipal de saúde localizado na cidade do Rio de Janeiro, um estudo descritivo de abordagem qualitativa baseado no relato de 20 mulheres sobre suas percepções acerca do atual processo de aleitamento materno. Para determinar o tamanho da amostra do estudo utilizou-se a ferramenta conceitual denominada “saturação teórica” e os depoimentos foram trabalhados por meio da análise temática. Constatou-se que a ideia instintiva e prazerosa da amamentação não é realidade para três das mulheres e que as entrevistadas usualmente consideram importante a lactação, porém cerca de 43% dos filhos com menos de seis meses já não se encontravam em aleitamento materno exclusivo. Assim, a amamentação constitui uma prática idealizada pelo universo feminino, mas possui diferentes representações para a mulher.

Palavras-chave: Aleitamento Materno. Relações Mãe-Filho. Comportamento Materno.

INTRODUÇÃO

As atuais estratégias de promoção do aleitamento materno ainda estão estruturadas em um modelo biológico reducionista, sendo incapazes de lidar com a subjetividade da mulher entre o querer e o poder amamentar⁽¹⁾. Enquanto um quantitativo considerável de nutrízes desmama cada vez mais precocemente, outras, em número menor, amamentam com tanta intensidade que o desmame se torna um processo de grande dificuldade⁽²⁾.

A difusão das vantagens da amamentação tem sido uma estratégia unânime no meio científico e amplamente divulgada nos meios de comunicação em massa⁽¹⁾. Neste contexto, as nutrízes são intensamente responsabilizadas e ao mesmo tempo excluídas da amamentação enquanto mulheres, e ora são sujeitos ativos, por terem a responsabilidade de amamentar, ora são passivas, pois seus sentimentos e desejos não são considerados neste processo. O universo feminino é cercado por diversos fatores que nem sempre são abordados durante a atuação profissional, e os discursos técnicos e acadêmicos que sustentam tal prática estão

direcionados às necessidades da criança, não contemplando as peculiaridades da mulher⁽³⁾.

A percepção materna sobre a amamentação, diferentemente de outras espécies de mamíferos, vai além do limite biológico e do saber científico. A lactação se insere em um contexto histórico, sociocultural e psicológico, de modo que esse processo representa distintos significados para cada sociedade e para cada mulher⁽⁴⁾.

Embora se reconheça a importância da mulher na promoção da amamentação, os programas nem sempre consideram a percepção feminina sobre a amamentação e sua influência na vida cotidiana. Em tal contexto, é preciso repensar o atual modelo de amamentação adotado pelas políticas de saúde.

O presente estudo é um recorte de trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, e poderá contribuir para avaliação e planejamento de novas ações voltadas à mulher no que se refere ao aleitamento materno que considerem a sua participação ativa, dando prioridade a ações individualizadas ao invés do caráter normativo

*Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bolsista da Secretaria Estadual da Saúde. E-mail: daniellie_marques@oi.com.br

**Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: adrilemosp@yahoo.com.br

que permeia as atuais estratégias de incentivo ao aleitamento materno, que não levam em conta as dificuldades do processo de amamentar nem o desejo da mulher. Pode igualmente contribuir para a produção científica sobre o tema para além dos tão amplamente abordados aspectos fisiológicos. Nesse contexto, tem-se por objetivo descrever os significados que as mulheres atribuem ao aleitamento materno e analisar suas repercussões na vida delas.

METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa de natureza descritiva com abordagem qualitativa. O cenário de estudo foi um centro municipal de saúde (CMS) localizado no município do Rio de Janeiro. A pesquisa de campo foi realizada em três dias, não consecutivos, no mês de julho do ano de 2009. Foram selecionadas vinte mulheres em processo de aleitamento materno que aguardavam atendimento para seus filhos, principalmente nos ambulatórios pediátricos e no setor de imunização.

Para determinar o tamanho da amostra de estudo foi utilizada uma ferramenta conceitual denominada “saturação teórica”⁽⁵⁾, que pode ser definida como a suspensão de inclusão de novos participantes devido à redundância ou repetição de informações, passando a não mais acrescentar dados a pesquisa.

As entrevistas, do tipo entrevista semiestruturada, foram realizadas após as depoentes terem assinado um termo de consentimento livre e esclarecido e gravadas digitalmente em uma sala reservada, durando cerca de meia hora cada. Depois estas gravações foram transcritas integralmente, o que permitiu uma percepção mais apurada dos depoimentos, bem como a formulação de códigos, ideias, questionamentos e hipóteses, favorecendo então, uma compreensão significativa dos fenômenos representados pelas informações.

Por meio da análise temática⁽⁶⁾ o presente estudo buscou descobrir os núcleos de sentido que fazem parte de uma comunicação cuja frequência tenha um significado para o objetivo a ser alcançado, e a presença de determinados temas se relaciona com os valores de referência e com os modelos de comportamento presentes no relato. Iniciamos o processo de pré-análise por

meio de uma leitura exaustiva, que permitiu apreender o conteúdo, além de identificar relações e fazer inferências quanto aos objetivos. A partir da leitura de cada entrevista iniciamos a leitura exaustiva de cada questão, realizando recortes do texto em unidades de registro em uma matriz de análise (palavra, tema, frase etc.) e sua contagem para posterior classificação, o que originou a categoria “Bem-estar, benefícios ao bebê e dificuldades para a mulher”.

O desenvolvimento do estudo obedeceu aos preceitos disciplinados pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde⁽⁷⁾ e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (Parecer de n.º 97/09). O anonimato das informantes foi preservado, sendo estas identificadas no decorrer do estudo por indicadores numerados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A faixa etária das vinte participantes do estudo variou entre 18 e 44 anos. A maioria (75%) contava menos de 30 anos, enquanto quatro mulheres tinham idade inferior a 20 anos e duas tiveram a experiência de vivenciar a maternidade após os 40 anos. A conclusão do ensino médio foi uma condição observável em menos da metade do grupo (45%) e apenas duas mulheres (10%) possuíam nível superior completo. No momento da pesquisa, somente seis mulheres (30%) estavam inseridas no mercado de trabalho. Em sua maioria, o grupo é constituído de mulheres de baixa renda, sendo que 50% delas possuíam renda familiar inferior a um salário mínimo. Grande parte (90%) tinha companheiro.

Em sua maioria, os filhos das entrevistadas tinham nascido de parto normal (65%) e eram resultantes de uma gravidez não planejada (85%). Nove mulheres (45%) tinham apenas um filho; oito (40%) possuíam dois; e três (15%) tinham quatro filhos. Destaca-se que uma das entrevistadas tinha quatro filhos e apenas 24 anos, ensino fundamental incompleto e renda familiar de um salário mínimo.

Todas as mulheres estavam em processo de aleitamento materno por períodos que variaram de dois meses a dois anos e cinco meses. Mais da metade dos filhos (70%) tinha idade inferior a seis meses, e destes, um percentual considerável

(43%) já não estava em aleitamento materno exclusivo.

Bem-estar, benefícios ao bebê e dificuldades para a mulher

No que se refere ao significado atribuído pela mulher ao aleitamento materno, destaca-se a importância que o universo feminino usualmente atribui a tal prática. Em geral os discursos retratam uma ideia positiva com relação ao aleitamento materno, seja por vontade própria e sensação de bem-estar da mulher ao amamentar, seja por ela julgar que amamentar faz bem ao bebê.

A percepção sobre a lactação está relacionada a valores e crenças íntimas da mulher que provavelmente resultam tanto de fatores presentes no seu meio doméstico como de questões referentes aos serviços de saúde utilizados⁽²⁾. Considerando-se que todas as entrevistadas eram usuárias de um mesmo centro municipal de saúde, é possível que suas ideias e valores resultem da filosofia do serviço utilizado.

O próprio discurso divulgado pela mídia em favor do aleitamento materno também exerce influência na construção de ideias das mulheres sobre a amamentação⁽⁸⁾, além de ser uma prática determinada socialmente como um ato de amor pelo filho⁽⁹⁾.

É uma coisa que eu gosto, eu gosto. Minha mãe dizia que eu tinha mais vocação pra vaca do que pra mãe. Todos os meus filhos mamaram até tarde, o outro mamou até 3 anos. É sinal que eu gosto mesmo de amamentar (entrevistada 2).

Não obstante, nem todas as entrevistadas tiveram uma boa vivência nesse processo desde seu início. Seis mulheres (30%) relataram dificuldades quando começaram a amamentar, representadas pela presença de fissuras no mamilo, dor nas mamas, cansaço devido à exigência de um contato prolongado com o bebê no seio e problemas com a produção de leite.

Tive dias que foram cansativos, eu passava com ela o dia e a noite toda com ela no peito. Ela chorava, chorava [...] A mulher pra dá o peito, é muito, é muito desgastante (entrevistada 18).

É perceptível que a mulher lança mão de diferentes esforços para oferecer o leite materno ao seu filho. Os depoimentos revelam as

realidades do cotidiano feminino, como sobrecarga física, mudanças alimentares, sentimentos desagradáveis que chegam a ser contrários à sua própria vontade de não amamentar, além de gastos financeiros como a compra de utensílios que a mulher considera importantes para a adaptação do seio para a amamentação.

Destaca-se o fato de que, em sua maioria, as mulheres possuíam renda familiar inferior a dois salários mínimos e residiam com o companheiro e o(s) filho(s), mas, apesar disso, observa-se em seus discursos a presença de produtos de elevado custo, como gel adequado para o mamilo da nutriz e absorvente de peito, revelando a prioridade da amamentação na vida da mulher.

Mesmo eu trabalhando fora, eu chego e dou de mamã. [...] Eu coloco [...] aquele absorventezinho de peito, pra segurar o leite e quando chego em casa eu amamento (entrevistada 2).

Nesse contexto, as mulheres constroem o valor da lactação como sendo o melhor para o bebê, algumas inclusive se apropriam do tradicional discurso médico para justificar a sua prática. Para essas mulheres, o leite materno é importante e proporciona proteção contra doenças, além de ser prático e econômico. Tais conhecimentos acerca dos benefícios do aleitamento materno estimulam a sua prática e a adesão das mães⁽¹⁰⁾:

Então pra mim é ótimo. Não precisa nem gastar dinheiro, é só amamentar (entrevista 19).

Não obstante, embora as mulheres compreendam que o aleitamento materno é uma prática importante para o bebê, verificamos que, das catorze mulheres que possuíam filhos com menos de seis meses de vida, 43% já não estavam em aleitamento materno exclusivo como recomenda a Organização Mundial da Saúde (OMS)⁽¹¹⁾. Tecnicamente, esta orientação da OMS está baseada em evidências epidemiológicas que indicam diminuição da mortalidade infantil devido à prevenção de diversas doenças, sobretudo a diarreia e a pneumonia, além de concorrerem para o ganho de peso da criança. Ademais, o aleitamento materno é considerado barato e não exige manipulação e, conseqüentemente, não está propenso à contaminação por bactérias⁽¹²⁾. Vale indagar sobre quais foram os motivos que

levaram à interrupção da amamentação. A não orientação ou uma orientação inadequada durante o pré-natal pode ter sido um deles, no entanto, esta é uma discussão para estudos futuros.

Em geral tais discursos técnicos e acadêmicos que incentivam o aleitamento materno estão dirigidos às necessidades da criança e não consideram as especificidades femininas⁽³⁾, mas o enfoque apenas nos benefícios para a criança não é suficiente para motivar a amamentação. Embora haja uma tendência de aumentar o tempo de duração do aleitamento materno, observa-se que diversos estudos sugerem aumento do desmame precoce^(1,3,9,13). É fato que as mulheres consideram importante amamentar, mas nem todas o fazem pelo tempo recomendado pelo Ministério da Saúde e/ou pediatras, ou seja, há outros motivos que estão além do aspecto biológico. Durante as entrevistas, evidenciou-se que muitas mulheres consideram a amamentação como um processo enaltecido da própria relação mãe-filho, o que poderia esse ser um contribuinte ou um dos principais motivadores para a sua prática; mas ter conhecimento de suas vantagens e do tempo de duração recomendado para o aleitamento materno exclusivo não é suficiente para conduzir à sua prática⁽¹³⁾.

Claro que depois de um ano não faz mais efeito, o leite materno é mais uma fonte de alimento humano, não tem nem o que falar. Mas isso é aconchego (entrevista 10).

Mesmo, porém, com a evidência de que a amamentação possui um significado positivo, trazendo uma sensação de carinho e prazer para o grupo de entrevistadas em geral, bem como o posicionamento em favor da prática do aleitamento materno, é preciso mencionar que nem todas (15%) relataram apreciar tal prática. Pelo contrário, apesar de estarem amamentando, três mulheres admitiram o desejo de terminar o mais cedo possível a amamentação, ou que simplesmente não gostavam de amamentar. Não desejar amamentar foi algo presente nesses relatos, como podemos ver no exemplo abaixo.

Bom, eu amamento ela por, por assim, por eu ter muito amor por ela. Porque por mim eu não amamentava, porque eu não gosto não. É, eu me sinto mal assim quando ela tá mamando. Eu me sinto mal. Dá vontade de tirar ela e até jogar a

garota no chão [...] tem mãe que acha bonito né, porque tá mamando, dando prazer pra criança e achando que tá fazendo feliz. Mas eu não sinto nada disso (entrevista 3).

As concepções culturais acerca da amamentação estão inseridas em uma visão biológica reducionista, que considera o aleitamento materno um atributo natural, comum a todas as espécies existentes⁽⁹⁾. O valor social que circunda o aleitamento materno faz com que a mulher se sinta obrigada a amamentar⁽¹⁴⁾, fazendo deste ato uma demonstração de seu amor pelos filhos. Ainda nesse contexto, a decisão por não amamentar pode significar, de acordo com a percepção da sociedade, uma incapacidade na arte da maternidade e um ato irresponsável da mãe⁽⁸⁾.

A mulher vivencia algumas experiências que não condizem com a ligação construída socialmente da amamentação com o amor materno, e quando se depara com seus reais sentimentos, ela manifesta uma sensação de culpa⁽⁹⁾. Por isso, as atividades educativas tornam-se essenciais, no sentido de potencializarem a percepção materna acerca da amamentação⁽¹⁵⁾, abandonando-se, então, o caráter normativo e verticalizado do qual as estratégias de incentivo ao aleitamento têm se apropriado, apesar das estratégias de mudanças que são focalizadas nos cursos de aconselhamento.

O desprazer vivenciado por algumas mulheres nem sempre é evidenciado como não compatível com a tradicional visão idealizadora de mãe⁽¹⁶⁾. Desse modo, há a possibilidade de mais mulheres não terem de fato a tradicional sensação prazerosa atribuída ao aleitamento materno, mas, pelo receio de serem julgadas, terem preferido não revelar seus sentimentos.

É preciso compreender que aleitamento materno também pode representar grandes conflitos para o universo feminino, destacando-se a presença de ideias presentes na vida da mulher que entram em confronto com a sociedade, a família e o cônjuge⁽¹⁷⁾. Constatou-se que a mulher se sente sobrecarregada com suas tarefas domésticas e sua dedicação ao marido, o que resulta em grandes dilemas, que nem sempre são resolvidos de forma harmônica entre os casais.

Você tem casa pra cuidar, filho pra cuidar, criança

pequena e o marido ainda acha que você tem que estar posta na hora que ele quer. Também não pode ser assim, né? (entrevistada 2).

Dessa forma, acredita-se que as entrevistadas usualmente vivenciam uma sensação de desprazer, provocada seja diretamente pela amamentação, para aquelas que não apreciam a lactação, seja indiretamente, para aquelas que vivenciam situações de desprazer. Sentimentos ambíguos de prazer e desprazer acompanham os dilemas que se deparam: o de ser mulher, esposa e mãe. É preciso avaliar o impacto das atuais estratégias que circundam o aleitamento materno e compreender que esta prática reflete um conjunto de fatores sociais e culturais como também aspectos fisiológicos⁽¹⁸⁾.

Não obstante, torna-se difícil verificar se a mulher amamenta espontaneamente e por prazer ou se adere a essa prática mecanicamente, apenas para obedecer a uma norma biomédica, a uma moda difundida pela mídia em geral, ou se o faz para não se sentir culpada ou mãe desnaturada. Hoje não é possível dizer se a mulher amamenta o filho para proporcionar uma maior sobrevivência à criança ou se para proporcionar bem-estar a si mesma e silenciar suas angústias⁽¹⁹⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aleitamento materno possui diferentes significados e representações para o universo

feminino, porém todas as entrevistadas convergem para uma prática voltada essencialmente às necessidades da criança. A motivação pessoal da mãe, embasada no fortalecimento do binômio mãe-filho ou na ideia de obrigação de amamentar, parece ser o fator que mais fortalece essa prática.

Os fatores negativos relacionados à lactação tiveram uma incidência considerável, o que sugere repensar sobre as atuais estratégias de promoção do aleitamento materno. Reconhecer as dimensões que podem dificultar a amamentação não significa desvalorizar a sua prática, porém sugere que seja delineado um novo caminho, no sentido de compreender as dificuldades para assim atuar de modo mais empático e direcionado à especificidade de cada mulher.

O aleitamento materno tende tanto para o desmame precoce como para o desmame tardio, sendo este compreendido como separação ou sensação de perda do vínculo materno-infantil. Apesar de os dois fatos serem de naturezas opostas, estes se inserem na vida de muitas mulheres. Por isso é preciso que o profissional atuante na assistência à nutriz tenha a visão voltada à peculiaridade de cada mulher e compreenda não apenas a sua participação biológica, mas também os aspectos sociais e psicológicos que circundam o universo feminino, de forma a trabalhar a questão da amamentação de forma individualizada.

BREASTFEEDING: ALWAYS A BENEFIT, NOT ALWAYS A PLEASURE

ABSTRACT

The benefits of breastfeeding are well disseminated in the scientific community and early weaning remains a concern for public health. However, the difficulties in the process and/or desire to make it are not thoroughly discussed. This study describes the meanings women attribute to breastfeeding and analyses its impact on their lives. This is a descriptive study with a qualitative approach, carried out in July 2009 in a Municipal Health Center, located in Rio de Janeiro, based on reports of 20 women about their perceptions on the process of breastfeeding. It was used a conceptual tool called theoretical saturation to determine the sample size of the study and the statements were analyzed by means of thematic analysis. It was found that the idea of breastfeeding as an instinctive and enjoyable experience was not a reality for tree of women and that the interviewees were aware of the importance of lactation, however, about 43% of their children under six months were no longer exclusively breastfed. So, it was concluded that, breastfeeding is a practice devised by the female universe, but it has different representations for women.

Key words: Breast Feeding. Mother-Child Relationship. Maternal Behavior.

PARA AMAMANTAR: BENEFICIA SIEMPRE NI SIEMPRE PLACER

RESUMEN

Considerando que los beneficios de la lactancia materna se difunden en la comunidad científica y el destete precoz sigue siendo una preocupación para la salud pública, aunque los aspectos como dificultades en el proceso a amamantar y/o el deseo de hacerlo se suben poco. Este estudio se describe el significado de mujeres

otorgan a la mama y examinar su impacto en la vida de la mujer. Se realizó un estudio descriptivo con enfoque cualitativo, en julio de 2009 en un Centro de Salud Municipal, ubicada en Río de Janeiro, con base en los informes de 20 mujeres acerca de sus percepciones sobre el proceso real de la lactancia materna. Se utilizó un instrumento conceptual denominado la saturación teórica para determinar el tamaño de la muestra de estudio y de las declaraciones fueron analizados por medio de análisis temático. Se encontró que la idea de la lactancia materna instintivo y agradable no es una realidad para el 15% de las mujeres y que por lo general los entrevistados consideran importante la lactancia, pero alrededor del 43% de los niños menores de seis meses ya no eran amamantados en forma exclusiva. Por lo tanto, la lactancia materna se compone de una práctica ideada por el universo femenino, pero tienen representaciones diferentes para la mujer.

Palabras clave: Lactancia Materna. Relaciones Madre-Hijo. Conducta Materna.

REFERÊNCIAS

1. Almeida JAG, Novak FR. Amamentação: um híbrido natureza-cultura. *J Pediatr*. 2004; 80(5): 119-25.
2. Carrascoza KC, Costa AL Junior, Ambrosano GMB, Moraes ABA. Prolongamento da amamentação após o primeiro ano de vida: argumentos das mães. *Psic: Teor Pesq*. 2005; 21(3): 271-7.
3. Nakano AMS, Mamede MV. A prática do aleitamento materno em um grupo de mulheres brasileiras: movimento de acomodação e resistência. *Rev latino-am enfermagem*. 1999; 7(3): 69-76.
4. André ACO, Gomes ALH, Pinto KO, Tase TH, Ruocco RMS, Santos NO et al. A vivência da amamentação em "mães de primeira viagem". *Mudanças - Psicologia da Saúde*. 2006 jan-jul; 14(1): 56-73.
5. Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad Saúde Pública*. 2008; 24(1): 17-27.
6. Bardin L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70; 2006.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde-CNS. Pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília (DF); 1996.
8. Primo CC, Caetano LC. A decisão de amamentar da nutriz: percepção de sua mãe. *J Pediatr*. 1999; 75(6): 449-55.
9. Arantes CLS. Amamentação – visão das mulheres que amamentam. *J Pediatr*. 1995; 71(4): 195-202.
10. Nakano AMS. As vivências da amamentação para um grupo de mulheres: nos limites de ser "o corpo para o filho" e de ser "o corpo para si". *Cad Saúde Pública*. 2003; 19(2): 355-63.
11. World Health Organization. Innocenti Declaration on the protection, promotion and support of breast-feeding. *Ecol Food Nutr*. 1991;26:271-3.
12. Duarte GA. *Vivências de casais com o aleitamento materno do primeiro filho*. [tese]. São Paulo (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2005.
13. Sandre-Pereira G, Colares LGT, Carmo MGT, Soares EA. Conhecimentos maternos sobre amamentação entre puérperas inscritas em programa de pré-natal. *Cad Saúde Pública*. 2000 abr-jun; 16(2): 457-66.
14. Monteiro, JCS, Gomes FA, Nakano MAS. Amamentação e o seio feminino: uma análise sob ótica da sexualidade e dos direitos reprodutivos. *Texto Contexto Enferm*. 2006 jan-mar; 15(1): 146-50.
15. Silveira VG, Martins MC, Albuquerque CM, Frota MA. A percepção da mãe sobre aleitamento materno na puericultura. *Cienc cuid saude*. 2008 out-dez; 7(4):523-9.
16. Marques DM, Lemos A. Sexualidade e amamentação: dilemas da mulher/mãe. *Rev enferm UFPE on line*. 2010 abr-jun; 4(1):175-83. [citado 2010 jun 30]. Disponível em: <http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/806>.
17. Sandre-Pereira G. Amamentação e sexualidade: estudos feministas. 2003; 11(2): 467-91.
18. Scochi CGS, Ferreira FY, Góes FSN, Fujinaga CI, Ferecini GM, Leite AM. Alimentação láctea e prevalência do aleitamento materno em prematuros durante internação em um hospital amigo da criança de Ribeirão Preto-SP, Brasil. *Cienc cuid saude*. 2008 abr-jun; 7(2):145-54.
19. Bardinter E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1985.

Endereço para correspondência: Adriana Lemos Pereira. Rua Bento Lisboa, 165, apto 802, CEP 22.221-010, Catete, Rio de Janeiro. E-mail: adrilemosp@yahoo.com.br

Data de recebimento: 01/12/2009

Data de aprovação: 05/05/2010